

Cada um no seu lugar: gênero e tradicionalismo em relações conjugais violentas

Mirian Béccheri Cortez, Lídio de Souza
Universidade Federal do Espírito Santo)
Violência conjugal, relações de gênero, relações conjugais
ST 29 - Relações de poder e de gênero

Ao se compreender violência como *conversão da diferença* numa relação de *desigualdade*, objetivando a dominação, a exploração e a opressão do outro, por meio de sua *reificação* (Chauí, 1985), e gênero enquanto construção social que determina uma relação hierárquica de poder entre o homem e a mulher, pode-se discutir a violência nas relações conjugais como uma manifestação perversa dessa distribuição desigual de poder. Assim, apesar das conquistas já alcançadas pela mulher, a violência conjugal se apresenta como um *prolongamento* dos processos de exclusão ainda sofridos por essa categoria dentro de nossa sociedade.

Além da naturalização de valores patriarcais, outros fatores relacionados ao uso de violência do homem contra a mulher são apontados por diversas pesquisas: reprodução de histórico familiar (exposição direta ou indireta à violência), baixa auto-estima (tanto do marido quanto da esposa), abuso de drogas ilícitas ou não, dificuldades financeiras do casal. (Faulkner, Stoltenberg, Cogen, Nolder & Shooter, 1992; Rynerson & Fishel, 1993; Gondolf, 1997).

A relevância do estudo de relacionamentos conjugais violentos já é bastante ressaltada na literatura acadêmica, bem como o fato de a violência contra a mulher ser um sério problema de saúde pública. O reconhecimento dessa importância implica na constante busca de novos conhecimentos e discussões mais profundas sobre o tema. Da discussão polarizada (homem – agressor, mulher - vítima) passou-se a compreender e analisar a violência conjugal como relacional, perspectiva teórica que adotamos no presente trabalho. Neste enfoque sócio-histórico, compreende-se as relações de gênero como processo e, por isso, em constante transformação.

Ainda hoje as concepções mais tradicionais de gênero prevalecem, o que pode ser observado, por exemplo, no modelo de masculinidade ideal mais aceito e difundido. Tal masculinidade hegemônica (Connell, 2005; Greig, Kimmel, & Lang, 2000) configura-se de modo a garantir/legitimar a reprodução das práticas tradicionais de gênero. Mas se relações de gênero são processo, as transformações também estão presentes em nosso cotidiano, o que, como considerado anteriormente, pode ser observado no movimento de inserção da mulher no mercado de trabalho e na busca por reverter as restrições sociais a que está submetida. Nesse sentido, o conceito de empoderamento feminino, discutido por León (2001) e Kabeer (2005), nos pareceu bastante

importante, visto que se refere ao reconhecimento de exclusões e busca por mudanças tanto em dimensões coletivas (como inserção em cargos políticos e educação não sexista), como em dimensões individuais (aumento de autoestima, autonomia, independência financeira e afetiva). Acreditamos que tal conceito possa ser utilizado para se compreender parte da dinâmica apresentada pelas transformações ocorridas nas relações de gênero nas últimas décadas, bem como para contextualizar e analisar situações de violência contra a mulher.

Objetivo

Analisar como as relações estabelecidas entre casais em situação de violência conjugal se articulam com as práticas de gênero tradicionalmente prescritas. Supomos que a violência praticada contra as mulheres se constitui em um mecanismo utilizado pelos homens para coagir as mulheres a se adequarem a tais prescrições.

Participantes

Foram entrevistados quatro casais que mantinham o relacionamento conjugal após denúncia de agressão física realizada pela mulher. Todos possuíam histórico de violência na relação.

Os casais foram contatados por meio de convites realizados após Audiência de Conciliação nos Juizados Especiais Criminais (Jecrim) de Vitória e em um grupo de apoio a casais em situação de violência, desenvolvido pelo Napa (Núcleo de Apoio Psicossocial aos Apenados), no município de Serra – Região Metropolitana de Vitória, ES.

Vale ressaltar que os contatos foram realizados antes da promulgação da Lei Maria da Penha, o que significa que os casos de violência contra a mulher eram ainda considerados de menor potencial ofensivo e sujeitos aos procedimentos legais relativos a esses casos.

Instrumentos e coleta de dados

Após a assinatura de Termo de Consentimento Informado e Esclarecido, homens e mulheres foram entrevistados individualmente por entrevistadores do mesmo sexo, seguindo-se um roteiro semi-estruturado que visou coletar dados sócio-demográficos e propor questões sobre papéis de gênero, bem como sobre a violência existente em seus relacionamentos. As entrevistas foram realizadas em local e data acordados com os participantes.

Resultados

A) Casais entrevistados

A seguir, apresentamos uma caracterização geral dos entrevistados:

Casais (idades)	Tempo de Relacionamento (aprox)	Idade dos filhos	Profissão	Início das agressões (esposas)	Início das agressões (maridos)
----------------------------	--	-------------------------	------------------	---	---

Fabiana (32) e Fábio (33)	15 anos	15; 7 e 10	Manicure/ chapeiro	Namoro	Não relatou
Amanda (30) e Arnaldo (43)	13 anos	14; 11; 9 e 5	Auxiliar Serv. Gerais/ comerciante	12 anos	4 anos
Carina (30) e Carlos (38)	23 anos	15 e 20	Diarista/ Pintor, chapa	17 anos	Não relatou
Mara (25) e Mauro (39)	4 anos	5 (dela) 6 e 12 (dele)	Prof. creche/ PM	4 anos	3 anos

Tabela 1: Caracterização dos casais (nomes fictícios)

B) Análise das entrevistas

A análise dos dados nos mostra resultados que destacam descrição de diversas concepções semelhantes relacionadas a papéis de gênero e algumas discrepâncias das esposas com relação a esse tema. Destacam-se ainda aspectos relacionados às situações de violência (motivos), que apesar de apresentarem similaridades, foram vivenciados e avaliados por esposas e maridos de modo diferente.

Concepções tradicionais de gênero

Os casais mostraram partilhar diversas concepções relacionadas ao ser homem e ser mulher dentro dos contextos familiar e doméstico. Verificamos que os padrões de polaridade tradicionais entre mulher (cuidadora, dona-de-casa, afetivamente responsável pelos filhos e união da família) e homem (provedor, chefe-da-casa, financeiramente responsável pela família) foram recorrentes, como ilustrado abaixo:

“Mas ele não deixa faltar as coisas então ele tem essa muito boa qualidade, que eu acho isso muito importante. Cuida das crianças, paga as contas em dia, não deixa atrasar nada.” (Amanda)

“O direito dele é assim, chegar em casa e ter comida pronta, ter a roupinha dele dobradinha. Ter café. deixa eu ver mais, ter a roupa dele toda arrumadinha.” (Mara)

“ela limpa a casa dia de domingo, sábado, ela não agüenta ver essa casa suja que tá trepando e limpando, ela acostumou. (...) Faz café de manhã cedo, passa roupa (...), graças a Deus, ela faz tudo direitinho.” (Carlos)

“(...) a obrigação do homem é o quê? Proporcionar o lar, trabalhar, manter as coisas, tudo certo.” (Arnaldo)

Apesar da consistência do tradicionalismo dos papéis, verificamos apenas nas falas das esposas características relacionadas a novos padrões de relacionamento e de mulher. Essas falas revelam que, além dos aspectos tradicionais ainda valorizados, as esposas buscam outras formas de experienciar suas feminilidades: assumir um trabalho assalariado, ser vaidosas, sair com amigos e amigas pra conversar e se divertir, escolher manter ou não uma relação sexual com o marido. Essas vivências consideradas pouco tradicionais foram descritas por esposas e maridos como um dos fatores que desencadeiam desentendimentos entre o casal, como é exposto a seguir.

Causas/motivos das ocorrências de violência (física, psicológica, sexual e patrimonial)

Entre os principais motivos para as discussões e brigas do casal, foram relatados pelos entrevistados os seguintes: comportamentos das esposas que, segundo os maridos, fogem do padrão tradicional - trabalho remunerado, vaidade, possibilidade de traição – e comportamentos do marido como traição, pouco contato com a família e abuso de *bebida alcoólica*.

Esses últimos desencadeavam avaliações negativas sobre os maridos e cobranças das esposas relacionadas à posição de pai e companheiro, contexto esse que, segundo os entrevistados, causava grande desconforto e irritação nos maridos. A saída da mulher de casa - para trabalhar, conversar e/ou se divertir com amigos ou amigas – são descritas por ambos como gerador de ciúmes no marido (provavelmente relacionado à possibilidade de traição descrita acima), outro fator que causava conflitos no relacionamento dos casais. A seguir, destacamos algumas frases dos entrevistados que ilustram a descrição acima:

“direito eu tenho, eu não gosto conforme uma roupa que ela veste, aí eu fico...” (Fabio)

“Mas me incomoda o fato de eu saber que ela trabalha, que ela chega tarde em casa, que ela está na casa de amiga (...)” (Arnaldo)

“O que eu não gosto é eu estar num lugar e chegar gritando comigo, no meio dos outro, me mata de vergonha.” (Carlos)

“Eu falo, a gente discute por causa disso ‘tem que prestar atenção, tem três crianças em casa’, né. Assim, ele tem que cuidar dessas coisas, ver o que está faltando e trazer pra dentro de casa, né, mas parece que ele não liga. E eu falo mesmo pra ele.” (Fabiana)

“ele não faz nada não. Sou eu que falo. Aí eu começo a discutir porque chegou bebido”. (Carina)

“Porque ele manda eu não sair de roupa curta, eu não usar blusa decotada, entendeu? (...)“Ele cortava minhas roupas, entendeu? Ele falava não usa, aí é que eu usava...” (Mara)

Descrição e avaliação de brigas com agressão física

Como a análise dos relatos revelou diferenças entre o conteúdo dos relatos dos maridos e esposas, apresentamos os dados separadamente.

Maridos

“... eu tava jogando dominó no bar do pai dela, (...) ela chegou no meio de todo mundo, ela falou, ‘ah, você tá jogando, porque você não ficou em casa?’. (...) Aí, não sei o quê, eu viro uma canecada na testa, aí ‘pou’...” (Carlos)

Nos relatos dos maridos sobre as brigas, foi possível verificar a tendência a minimizar ou negar as agressões e os sentimentos negativos das esposas sobre a situação. Desse modo, o consumo de bebida alcoólica como um fator que “justifica” a falta de controle sobre o comportamento

violento aparece em todos os relatos (“na maioria das vezes rolava bebida, na maioria das vezes. (...) quando eu não bebo, eu não, dificilmente eu tenho uma postura agressiva”. - Arnaldo). Verifica-se que o contexto descrito por eles compreende aqueles comportamentos da esposa considerados “inadequados” e que causam embaraço e/ou irritação.

Apesar de citarem algumas agressões desferidas contra as parceiras (tapas, empurrões e chute) entre os aspectos que contextualizam as situações de violência, os entrevistados argumentaram que o uso de agressões físicas é raro e, quando elas ocorrem, são consideradas de pouco, ou quase nenhum, poder ofensivo. Diversos estudos (entre eles os de (Cavanagh, Dobash, Dobash & Lewis, 2001 e Cortez, Padovani & Williams, 2005) informam ser muito comum a tentativa masculina de minimizar as conseqüências das violências praticadas, como podemos observar no relato de Mauro: “[agressão física] ...não é assim constantemente, (...) aconteceu durante esses três anos e pouco umas três ou quatro vezes, entendeu? (...) mas assim, de deixar olho-roxo, ou assim, é, o corpo com hematomas [não]...” .

Consideramos que, por negar ou menosprezar possíveis efeitos graves decorrentes das brigas, as avaliações das conseqüências da violência nas esposas e no relacionamento são pouco descritas ou sequer identificadas. Os maridos mostram-se arrependidos pela violência, mas revelam desconhecer ferimentos ou danos emocionais significativos nas esposas.

“[eu me sinto] arrependido (...) eu fiquei doendo por dentro. [e ela?] revolta, né, raiva.” (Fábio)

“[a esposa] nunca demonstrou medo não” (Mauro)

“é briga de casal, discute e depois resolve tudo na cama, né”. (Carlos)

Por considerar que os efeitos da violência são mínimos e temporários, os maridos avaliam positivamente seus relacionamentos e suas parceiras, destacando aspectos afetivos e/ou domésticos: “A gente se gosta, brinca, conversa, procura expor os problemas um pro outro, quando um não está certo, outro quebra o pau, e teima, e quebra daqui, quebra dali, mas que acaba chegando num acordo. (...) Ela sempre me dá uma força,” (Carlos)

“ela é muito gente boa, eu gosto muito dela.” (Fábio)

“ela é uma boa esposa. Assim o, as tarefas de casa, assim, eu estou falando assim, né.” (Mauro)

Esposas

“... foi o dia que ele chegou bebido, sem dinheiro e eu falei com ele. Porque que ele estava chegando em casa sem um tostão. Aí, ele apertou meu pescoço, pegou a faca. Aí as meninas começou a gritar, né, aí ele largou a faca” (Carina)

Os relatos das esposas sobre as situações de violência foram marcadamente mais detalhados e carregados de sofrimento: medo, humilhação, agressões e ferimentos e uma avaliação negativa do relacionamento aparecem nos relatos.

“e eu falava ‘pára’, parecia uma pessoa possuída, que não adiante você falar nada. E aconteceu que eu fui orando, rezando e ele saiu. Aquele dia eu quase me defequei no banheiro, eu nunca senti um medo tão grande na minha vida.”(Mara)

As falas das esposas revelam com mais detalhes, os tipos de agressão que sofreram e as conseqüências que apareceram minimizadas na fala dos homens, ou sequer foram mencionadas: dentes quebrados, hematomas, arranhões e contusões.

“até ele mesmo [médico] me deu o laudo, que, devido a queda provocada por ele [marido], eu tinha machucado os rins”. (Amanda)

No relato das esposas surge também a frustração e o descontentamento com o relacionamento amoroso. Diferentemente dos maridos, elas se revelam desencantadas e/ou indiferentes com relação a seus pares.

“O sentimento que fica depois é que o amor que você sente por essa pessoa vai se acabando. Acabando, acabando... e aquela angústia, aquela dor.” (Carina)

“eu não acho um bom marido, acho que nunca se preparou pra ser um marido. Ele nunca levou a vida familiar a sério”. (Fabiana)

Considerações finais

Os dados possibilitaram avaliar as características das relações conjugais, bem como as situações de violência: quebra de padrões tradicionais pelas esposas e reafirmação dos padrões tradicionais pelos maridos. Esposas e maridos buscam delimitações claras de seus papéis e funções como cuidadores do lar e da família, mesmo quando pretendem a divisão mais igualitária de tarefas. Desse modo, os relatos ilustram *concordâncias* entre as esposas e maridos no que se refere aos papéis tradicionalmente prescritos ao homem a mulher e também o *descompasso de gênero* entre as concepções desses, em contextos nos quais a mulher se comporta de modo mais autônomo (trabalho, vaidades, reclamações, etc).

Podemos analisar tal descompasso como a inserção de novos componentes do gênero feminino no discurso e nas ações das mulheres. Esses componentes provocam reações violentas dos maridos que, com dificuldade de reconhecer nas relações com a nova mulher uma outra possibilidade de ser homem, avaliam tais atitudes das mulheres como uma ameaça à masculinidade tradicional.

Nos casais analisados a negociação entre a masculinidade hegemônica, fortemente enraizada em nossa cultura, e a masculinidade que as novas estruturas familiares, conquistas e demandas femininas requerem parece ainda bastante difícil. Os “homens de verdade”, sentem-se ameaçados por manifestações femininas de autonomia, mostrando-se despreparados para reconstruir/adaptar/alterar suas concepções de masculinidade com base em uma nova proposta de

feminino. A violência contra as esposas aparece, então, como meio de reafirmar e manter a masculinidade hegemônica patriarcal por meio do assujeitamento físico, moral e sexual da esposa: “cada um no seu lugar”. Tal situação pode ser decorrente da dificuldade de inserção dos homens nas discussões sobre o que é, de fato, o empoderamento das mulheres e quais são os benefícios desses ganhos também para os homens, uma vez que a conquista de poder pelas mulheres não implica em tirar o poder dos homens, mas sim possibilitar o acesso ao que hoje lhes é negado.

Referências bibliográficas

- Cavanagh, K., Dobash, R. E., Dobash, R. P & Lewis, R. (2001) ‘Remedial work’: men’s strategic responses to their violence against intimate female partner. *Sociology*, 35 (3), 695-714.
- Chauí, M. (1985) Participando do debate sobre mulher e violência. Em *Perspectivas Antropológicas da Mulher*. (pp. 25-62). Rio de Janeiro: Zahar.
- Connell, R. W. (2005) Hegemonic masculinity – rethinking the concept. *Gender & Society*, 19 (6), 829-859.
- Cortez, M. B., Padovani, R. C & Williams, L. C. A. (2005) Terapia de grupo cognitivo-comportamental com agressores conjugais. *Estudos de Psicologia* 22 (1), 13-21.
- Faulkner, K., Stoltenberg, C. D., Cogen, R., Nolder, M., & Shooter, E. (1992). Cognitive-Behavioral Group Treatment for Male Spouse Abuse. *Journal of Family Violence*, 7, No 1, 37 - 55.
- Greig, A.; Kimmel, M.; & Lang, J. (2000) *Men, masculinities & development: Broadening our work towards gender equality*. Gender in Development Programme, UNDP: Gender in Development Monograph Series #10. Disponível em: http://64.233.179.104/scholar?hl=pt-BR&lr=&q=cache:NddUbFMVcXQJ:www.undp.org/gender/resources/UNDP_Men_and_Masculinities.pdf+author:%22Greig%22+intitle:%22Men,+Masculinities+%26+Development%22+ Recuperado 22/06/2008.
- Gondolf, E. W. (1997). *Characteristics of Batterers in a Multi-Site Evaluation of Batterer Intervention Systems – Summary of the 15-month Follow-up*, Indiana, Universidade da Pensilvânia.
- Kabeer, N. (2005) Gender equality and women's empowerment: a critical analysis of the third Millennium Development Goal. *Gender and Development*, 13 (1), 13-24.
- León, M. (2001) El empoderamiento de las mujeres: encuentro del primer y tercer mundos em los estudios de género. *La Ventana*, 13, 94-106. Disponível em: <http://www.publicaciones.cucsh.udg.mx/ppperiod/laventan/Ventana13/ventana13-4.pdf> Recuperado 22/06/2008.
- Rynerson, B. C., & Fishel, A. H. (1993). Domestic Violence Prevention Training: Participant Characteristics and Treatment Outcomes. *Journal of Family Violence*, 8, 253 - 267.